Do canteiro de obras para reunião no Planalto

Líder do Sindicato dos Trabalhadores da Construção de Belém critica alinhamento do movimento sindical ao governo

Cássia Almeida

 Atnágoras Lopes, com esse nome de origem grega, o sindicalista nascido no berço da construção civil do Pará, pela primeira vez foi convidado a participar de uma reunião no Palácio do Planalto. De todas as outras vezes, esteve do lado de fora, protestando. Semana passada, ao completar 39 anos, participou da reunião das sete centrais sindicais com o governo e empresários. Não recebeu os parabéns de praxe e levou horas discutindo a sucessão de rebeliões e greves que pipocaram em todo o país, paralisando as principais obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), a menina dos olhos do governo federal.

Atnágoras está na luta sindical desde 1997, mas seu nome apareceu com mais força agora como um dos representantes da Central Sindical Popular Conlutas, que ainda não conseguiu o selo oficial do governo por não ter alcançado a representatividade mínima, mas foi convidada a participar das reuniões tripartites comandadas pelo secretário-geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho. A justificativa? Ter nos sindicatos de sua base trabalhadores das áreas conflagradas.

 Estive lá muitas vezes para protestar contra a omissão do governo. Nossa central não tem nenhum comprometimento político com o governo. Fomos oposição ao governo Lula e somos ao governo Dilma. Defendemos a completa independência — diz o sindicalista, alfinetando a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Força Sindical.

E completa:

Depois de um grande processo no qual o movimento sindical mudou de mala e bagagem para o lado do governo.

Vale-transporte para a campanha

• A Conlutas nasceu de um racha da CO i, entidade que tem a maior representatividade trabalhista no país, com 2.029 sindicatos filiados contra 69 da Conlutas, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego. A cisão surgiu com a reforma da previdência ainda no início do governo Lula.



ATNÁGORAS LOPES está no Rio para a reunião da coordenação nacional da Conlutas neste fim de semana

posto sindical.

José Silvestre, coordenador de Relações Sindicais do Die- firmar como uma liderança naese, considera Atnágoras um dirigente preparado e que começa a ter presença nacional após ter vindo do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Belém do Pará para a Conlutas em São Paulo:

- Ele não surgiu agora. Está mais conhecido neste momen-

 Somos pelo fim do im- to por ser oriundo da construcão civil.

> Se, no entanto, ele vai se cional ainda é cedo para dizer, na opinião de Silvestre, que acompanha de perto as negociações coletivas no país.

· Vai depender se os trabalhadores vão identificá-lo como uma liderança. Isso pode acontecer ou não.

Filiado ao PSTU, Atnágoras

foi candidato ao governo do Pará nas últimas eleições. Buscava contribuições nos canteiros de Belém. Uns davam R\$ 2, e quem não tinha, conta o sindicalista, podia contribuir com vale-transporte:

Arrecadamos R\$ 11 mil e tivemos 10.955 votos, 1% na Região Metropolitana de Belém e menos de 0,5% no total do estado. Não podia pegar dinheiro de patrão.

É um companheiro de luta. Mas fazer um discurso é fácil, começar greve também. O difícil é terminar bem a greve. Reivindicar 30% de aumento, com a inflação em 5,63%...

Luiz Queiroz, da Confederação Nacional dos Sindicatos da Construção e Madeira da CUT

Ele não vê problemas da ligação da central com o PSTU, que, inclusive, nega haver.

· Queremos que os trabalhadores tenham atuação política. Mas não é uma central dominada pelo PSTU. Menos da metade é do partido.

Luiz Queiroz, secretário de Políticas Sociais da Confederação Nacional dos Sindicatos da Construção e Madeira da CUT, trabalhou com Atnágoras quando ainda era da CUT. Considera o sindicalista um quadro preparado, mas alerta para o discurso fácil:

- É um companheiro de luta. Mas fazer um discurso é fácil, começar greve também. O difícil é terminar bem a greve. Reivindicar 30% de aumento, com a inflação em 5,63%...

CUT evita falar em novos nomes

• O presidente da CUT, Artur Henrique, diz que a central evita estimular a personificação:

 Queremos fortalecer as negociações. Personificar não é nossa tradição. Temos cursos de formação de dirigentes. Há novas lideranças surgindo na indústria naval, na construção civil. Não vou falar de nomes.

João Guilherme Vargas Neto, consultor sindical, atualmente trabalhando com a Força Sindical, não vê lideranças novas surgindo por causa do movimento grevista em massa na construção pesada do país. Nem mesmo Atnágoras. Para ele, as lideranças ainda se formam no meio metalúrgico. E

Nome de origem grega

• Foi um padre que convenceu a mãe de Atnágoras, muito católica, a escolher o nome do filho. Quando adulto, a curiosidade fez Atnágoras pesquisar a etimologia do seu nome. Descobriu que ágora era o espaço usado na Grécia antiga pela comunidade para discutir e decidir sobre as questões comuns. Já o prefixo At viria de Atenas, a capital grega:

- Que me perdoem os historiadores se contei a história errada diz Atnágoras.

lembra 1978, com Lula, como o último movimento que fez emergir uma liderança sindical de presença em todo o país.

- Não confundo espuma

com movimentos tectônicos. Não mudou a configuração da representação — diz Vargas O especialista, porém, vê com

bons olhos a participação da Conlutas na mesa de negociação. Para ele, foi um avanço a central superar "a fase de agitação, que sozinha não constrói nada": — Eles ajudaram na reunião.

Não foram desagregadores. Vamos ver por quanto tem-

po essa trégua continua: Tivemos consenso na pri-

meira reunião, na forma de contratação (via o Sistema Nacional de Emprego do Ministério do Trabalho). Mas não podemos afirmar que haverá consenso sempre com as outras centrais. Nossa ideia é contribuir ao máximo. Se der problemas, vamos para o debate interno — diz o dirigente da Conlutas.

Para Atnágoras, é preciso uma atuação mais eficaz do sindicalismo:

 E o projeto da Conlutas é ser uma alternativa. Hoje, fazse greve para fazer a empresa cumprir a lei. É muita desgraceira nessas obras.

Com ensino médio, Atnágoras recebe R\$ 1.655 do sindicato de Belém e ajuda de custo para aluguel, transporte e alimentação da Conlutas para viver em São Paulo. Se Atnágoras se firmar, a tradição de lideranças nacionais no sindicalismo vindos do funcionalismo, dos petroleiros, dos bancários e dos metalúrgicos pode ser quebrada. ■

Democracia e expansão econômica, terreno fértil para greves

Retomada de obras de infraestrutura favorece revoltas de trabalhadores. Efeito internet também contribui para 'contágio'

Danielle Nogueira

• A onda de revoltas que se espalhou por canteiros de obras país afora não resulta apenas da insatisfação dos trabalhadores com suas condições de trabalho e da falta de canais de comunicação com os patrões. Na opinião de especialistas, ela é produto do retorno do crescimento acelerado do país — após duas décadas de ausência de grandes obras de infraestrutura — e da consolidação do regime democrático, que favorece manifestações sociais antes reprimidas pela ditadura. Deve ser entendida ainda sob a ótica do fenômeno da internet, que leva informação em tempo real aos quatro cantos do mundo, contribuindo para o "contágio" das reivindicações.

Nos anos 70, grandes manifestações de trabalhadores eram impensáveis. Apesar do milagre econômico, que impulsionava grandes obras, como a ponte Rio-Niterói, mortes e maus-tratos de operários eram abafados pelo regime militar. O cenário começou a mudar em 1978, com as paralisações dos metalúrgicos de São Bernardo. À medida que o Brasil caminhava para a abertura política, greves começa-



OBRA DA Madeira-Mamoré: operários cruzaram braços por reajuste

ram a pipocar, lembra o historiador Daniel Aarão Reis.

Até bife motivou rebelião de operários no passado

A partir de meados dos anos 80, porém, os movimentos sindicais diminuíram de intensidade. Por um lado, essa trégua revela os resultados recentemente alcançados pelos governos de Fernando Henrique Cardoso e Lula, avalia Aarão Reis. Por outro lado, refletem um longo período de baixo crescimento da economia.

 Vivemos um marasmo econômico nas últimas décadas e, agora, voltamos a crescer em ritmo acelerado, com a retomada das grandes obras. O problema é que o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), ícone desse retorno, não contemplou demandas trabalhistas, como se propôs na área ambiental, por exemplo. Foi uma falha do governo, das empresas e das próprias centrais sindicais — diz o consultor sindical João Guilherme Vargas Neto.

Ele frisa ainda a influência

O GLOBO

MAIS ECONOMIA HOJE NA INTERNET:

oglobo.com.br/economia

VÍDEO: Veja como são realizadas as experiências para entender a lógica do cérebro na hora de comprar

TIRA-DÚVIDAS: Gilberto Braga responde a perguntas de leitores sobre investimentos financeiros

IMPOSTO DE RENDA: Navegue pelo site especial e tire todas as dúvidas sobre a declaração de 2011



Acompanhe a cobertura da Economia no Twitter: twitter.com/OGlobo_Economia

das mídias digitais na atual onda de manifestações. Com elas, reivindicações na longínqua Rondônia, onde estão sendo erguidas as hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio, meninas dos olhos do PAC, puderam ecoar no Porto de Açu (RJ), de Eike Batista, e na refinaria Abreu Lima (PE), da Petrobras:

- Da mesma forma que um

país árabe influenciou o outro na influenciou o outro no Brasil.

onda de protestos no Norte da África, um canteiro de obras Além da inovação tecnoló-

gica e do novo contexto politico-econômico, as atuais manifestações se diferenciam das antigas revoltas por sua motivação. Se hoje trabalhadores querem participação nos lucros e plano de saúde, no passado, um prato de comida era suficiente para os ânimos se exaltarem. Em 1959, operários que trabalhavam na construção de Brasília se rebelaram devido à precariedade da comida servida no refeitório, sendo reprimidos com violência. Houve mortos e feridos.

Em abril de 1980, peões e seguranças da obra da hidrelétrica de Tucuruí (PA) também se enfrentaram após protestos que demandavam a inclusão de bife no cardápio. Os peões malharam um Judas vestido com uniforme dos seguranças da Camargo Corrêa, responsável pela obra. O resultado foi a prisão de dezenas de trabalhadores e operários feridos a bala.

Historiador vê novo ciclo de manifestações

Na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, entre 1907 e 1912, por exemplo, operários italianos organizaram um motim devido aos baixos salários em comparação aos dos trabalhadores americanos.

De uma forma ou de outra, o que todas essas manifestações revelam, na opinião de especialistas, são as falhas na comunicação entre empregados e patrões. Enquanto o diálogo não melhora, novas ondas de protestos devem pipocar.

Tendo a pensar que estamos no limiar de um novo ciclo, com os trabalhadores se sentindo em condições de pressionar por uma participação maior na distribuição da renda nacional — diz Aarão Reis. ■